

Toda
Poesia

Paulo
Leminski



COMPANHIA DAS LETRAS

Toda
Poesia

Paulo
Leminski



COMPANHIA DAS LETRAS

sumário

apresentação — ALICE RUIZ S

quarenta clics em curitiba [1976]

caprichos & relaxos [1983]

caprichos & relaxos (saques, piques, toques & baques)

polonaises

não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase

ideolágrimas

sol-te

contos semióticos

invenções

distraídos venceremos [1987]

distraídos venceremos

ais ou menos

kawa cauim — desarranjos florais

la vie en close [1991]

o ex-estranho [1996]

o ex-estranho

parte de AM/OR

winterverno [2001]

poemas esparsos

nota sobre leminski cancionista — JOSÉ MIGUEL WISNIK

apêndice

apresentação

Alice Ruiz S

Este livro é antes de tudo uma vida inteira de poesia. Uma vida totalmente dedicada ao fazer poético. Curta, é verdade, mas intensa, profícua e original.

A análise crítica, melhor deixá-la aos especialistas; aqui, me compete lembrar a história/vida dos livros que enfim compõem este livro único.

Um dos primeiros poemas do Paulo, talvez mesmo o primeiro, foi escrito em latim, na segunda infância, nos tempos em que ele estudou no Internato Paranaense. A convivência precoce com o clero lhe deu ímpetos de clausura, mais pelo facilitado recolhimento que é tão propício ao estudo dos movimentos da alma e das riquezas da palavra do que propriamente pela fé religiosa. Não que ela não estivesse presente, mas havia também uma energia viril, aquela que nos faz querer conquistar o mundo e absorver o que ele tem para ensinar. Assim, a clausura durou pouco, como qualquer arroubo da adolescência, mas foi suficiente para deixar raízes, pois o amor pelo conhecimento, uma vez despertado, não se apaga facilmente.

A primeira vez que vi o Paulo foi na entrega dos prêmios de um concurso de poesia em Curitiba. Todos os poemas premiados eram lidos por seus autores e o dele foi o único que me disse algo de inovador e contundente. Uma dicção tão original deve ter ultrapassado a capacidade de apreciação do júri, na época, mas aquele poema de construção impecável não poderia passar em branco. Assim, aquele que merecia o primeiro lugar levou apenas uma menção honrosa. O tempo haveria de corrigir esse equívoco, já que os primeiros lugares daquele concurso não estão em nenhum lugar especial hoje, bem diferente dele.

Quatro anos depois, fui levada por amigas ao seu aniversário de 24 anos.

Nosso primeiro assunto foi poesia. O último também.

Passamos a maior parte da festa em seu escritório e quase fui soterrada por uma profusão de palavras, ideias e projetos (o *Catatau*, por exemplo, tinha apenas oito páginas e ainda se chamava *Descartes com lentes*). Falamos de autores que nós dois já admirávamos, e ele me apresentou os “haikaístas” e os poetas concretos, que eu desconhecia. Enquanto isso, eu, recém-chegada do Rio de Janeiro, onde vivera por dois anos, lhe apresentei o que a música popular brasileira estava produzindo de mais novo (em todos os sentidos), particularmente o Tropicalismo, que ainda não o tinha tocado.

Assim como o amor, a poesia e a música foram crescendo em nossa vida em comum.

Em 1976, quando o fotógrafo Jack Pires chegou com a proposta de fazer um livro em conjunto com Paulo, espalhamos as fotos dele pelo chão e fomos procurando, entre os poemas curtos, quais conversavam ou rimavam com aquelas imagens. Foi assim que nasceu a primeira publicação de uma pequena parte de sua poesia, o *Quarenta clics*, editado em Curitiba.

Em 1980 foi a vez de *Não fosse isso e era menos não fosse tanto e era quase*, uma edição primorosa, iniciativa e presente dos amigos Dico Kremer, Márcio Santos e

Nego Miranda, donos do estúdio fotográfico ZAP, que fizeram um trabalho fotográfico de ampliação da tipologia de sua Remington anos 40. A impressão foi obtida por meio de uma troca de serviços com gráficas parceiras.

A ideia de permuta, Paulo a absorveu e utilizou para fazer, no mesmo ano, seu terceiro livro “independente” de poemas: *Polonaises*. Uma homenagem às suas raízes, na tipologia do Solidarność (Solidariedade), movimento revolucionário/operário liderado por Lech Valesa, que estava acontecendo na Polônia naquela época.

Um dos problemas das edições independentes era decidir o que fazer com as tiragens inteiras, que ficavam com os autores. Em 1983, com a casa tomada por mais de mil exemplares de cada um desses três livros, mais a edição do *Catatau* (também independente), mais as edições de dois livros meus, e restritos ao mercado curitibano — não vendíamos, presenteávamos amigos —, soubemos que a editora Brasiliense tinha também uma livraria em São Paulo, onde era possível colocar à venda alguns livros feitos “fora do eixo”.

Enviamos um exemplar de cada livro para Luiz Schwarcz, na época braço direito do Caio Graco Prado e responsável por inovadoras coleções como Encanto Radical e Primeiros Passos, entre outras. Luiz nos ligou, agradecendo e perguntando se tínhamos inéditos, pois um material novo daria mais vida à reunião dos já existentes. Assim nasceu a primeira edição nacional de cada um.

Caprichos & relaxos foi o nome que o Paulo encontrou para reunir esses primeiros poemas, em que está presente um viés lúdico, mas sem abrir mão do rigor. Um nome denúncia e receita, ao mesmo tempo. O livro saiu em 1983.

Em seguida veio *Distraídos venceremos*, em 1987. O nome remete, de certa forma, ao livro anterior, aparentemente com uma pitada de esperança, embora o teor dos poemas aponte para um maior ceticismo.

Paulo começou a selecionar a produção seguinte baseado em um novo critério, ou melhor, destacando um estilo novo que começava a se esboçar. O que ele chamava de “parnasiano chique” iria para o *La vie en close* e os demais, meio sem um lugar definido ainda, foram para uma pasta que ele batizou de *Ex-estranho*, um livro que seria pensado mais tarde. Mas não havia mais tarde, e isso já estava anunciado nos títulos escolhidos por ele. O “estranho”, que é como o poeta se sente dentro do mundo prático, em breve será “ex”. E a vida que se fecha/encerra parece enfim entrar em foco, destacar apenas o que é essencial: *La vie en close*.

Terminada a seleção, que acompanhei de perto, ele me pediu para cuidar dos seus inéditos, e me encarregou de encaminhá-los para o Caio e/ou ao Luiz, caso o Paulo não tivesse tempo suficiente. Caio editou *La vie en close*. Samuel Leon, da editora Iluminuras, além das prosas, editou *O ex-estranho* e *Winterverno*, livro com poemas curtos do Paulo e imagens de João Virmond Suplicy Neto. E agora toda a poesia volta às mãos do Luiz Schwarcz, através da Companhia das Letras.

Esses livros são diferentes entre si, mas têm a mesma marca de sua escrita poética. Raízes na poesia concreta e na síntese, na experimentação e no coloquial. O mesmo compromisso com duas coisas aparentemente excludentes: a inovação e o afã de

comunicar, de dizer. Um dizer repleto da consciência da necessidade do silêncio. Talvez por essas e outras razões sua poesia continue tão atual e ainda converse com o futuro.

E agora, enfim reunida, pode oferecer uma visão total do que foi a poesia para Leminski e do que é Leminski para a poesia.*

* Aqui, a totalidade dos versos já publicados em livro. (N. E.)

**quarenta
clics em
curitiba
[1976]**

nota do editor

Publicado em 1976 pela editora Etecetera em forma de portfólio, *Quarenta clics em Curitiba* combinava fotos de Jack Pires e poemas de Paulo Leminski. Conforme diz Leminski na introdução da obra, “Nenhum texto foi escrito para uma foto. Foi buscada a relação/contradição texto/foto. Os poemas estavam prontos já”. Dado que os poemas são anteriores às fotos, optamos por reproduzir aqui apenas os textos, sem as imagens.

Alguns poemas de *Quarenta clics* constam de *Caprichos & relaxos* e *La vie en close*, com pequenas modificações. Nesses casos, optamos por mantê-los apenas nos livros posteriores, mais representativos da obra de Leminski, em sua versão definitiva.

Compra a briga das coisas
Gigante em vão
Contra a parede branca
Prega a palma da mão

•
Uma vida é curta
para mais de um sonho

••
Será preciso
explicar o sorriso
da Mona Lisa
para que você
acredite em mim
quando digo
que o tempo passa?

∴
o critério
“atitudes estranhas”
não dá
para condenar pessoas
criaturas
com entranhas

•
Quem me dera
um mapa de tesouro
que me leve a um velho baú
cheio de mapas do tesouro

••
Fechamos o corpo
como quem fecha um livro
por já sabê-lo de cor.
Fechando o corpo
como quem fecha um livro
em língua desconhecida
e desconhecido o corpo
desconhecemos tudo.

•••
Só mesmo um velho
para descobrir,
de trás de uma pedra,
toda a primavera.

•
O tempo todo caminha.
Se para,

acompanha-se
de uma só linha
era uma vez
era uma vez
era uma vez

•
Domingo
Canto dos passarinhos
Doce que dá para pôr no café

•
Gente que mantém
pássaros na gaiola
tem bom coração.
Os pássaros estão a salvo
de qualquer salvação.

••
Ruas cheias de gente.
Seis horas.
Comida quente.
Caçarolas.

•
Hesitei horas
antes de matar o bicho.
Afinal,
era um bicho como eu,
com direitos,
com deveres.
E, sobretudo,
incapaz de matar um bicho,
como eu.

•
Pense depressa.
O que veio?
Quem vem?
Bonito ou feio?
Ninguém.

••
os dentes afiados da vida
preferem a carne
na mais tenra infância
quando
as mordidas doem mais
e deixam cicatrizes indeléveis
quando

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

